

ALAN OLIVEIRA

Ilustrações  
LUIZ GÊ

# Amazônia



3ª edição  
Conforme a nova ortografia

 **Editora  
Saraiva**

*Editora:* CLÁUDIA ABELING-SZABO

*Assistente editorial:* NAIR HITOMI KAYO

*Suplemento de trabalho:* MÁRCIA GARCIA

MARIA ALEXANDRA ORSI

CARDOSO DE ALMEIDA

*Supervisão de revisão:* LIVIA MARIA GIORGIO

*Gerência de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

*Supervisão de arte:* VAGNER CASTRO DOS SANTOS

*Diagramação:* MARCOS ZOLEZI

*Produtor gráfico:* ROGÉRIO STRELICIUC

*Impressão e acabamento:*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Oliveira, Alan Roberto de  
Amazônia / Alan Roberto de Oliveira ; ilustrações Luís Gê. –  
3. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009 — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-07947-2

1. Amazônia — Literatura infantojuvenil 2. Literatura infanto-  
juvenil I. Gê, Luís. II. Título. III. Série.

99-1565

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

- |  |       |
|--|-------|
| 1. Amazônia: Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Amazônia: Literatura juvenil        | 028.5 |

8ª tiragem, 2017



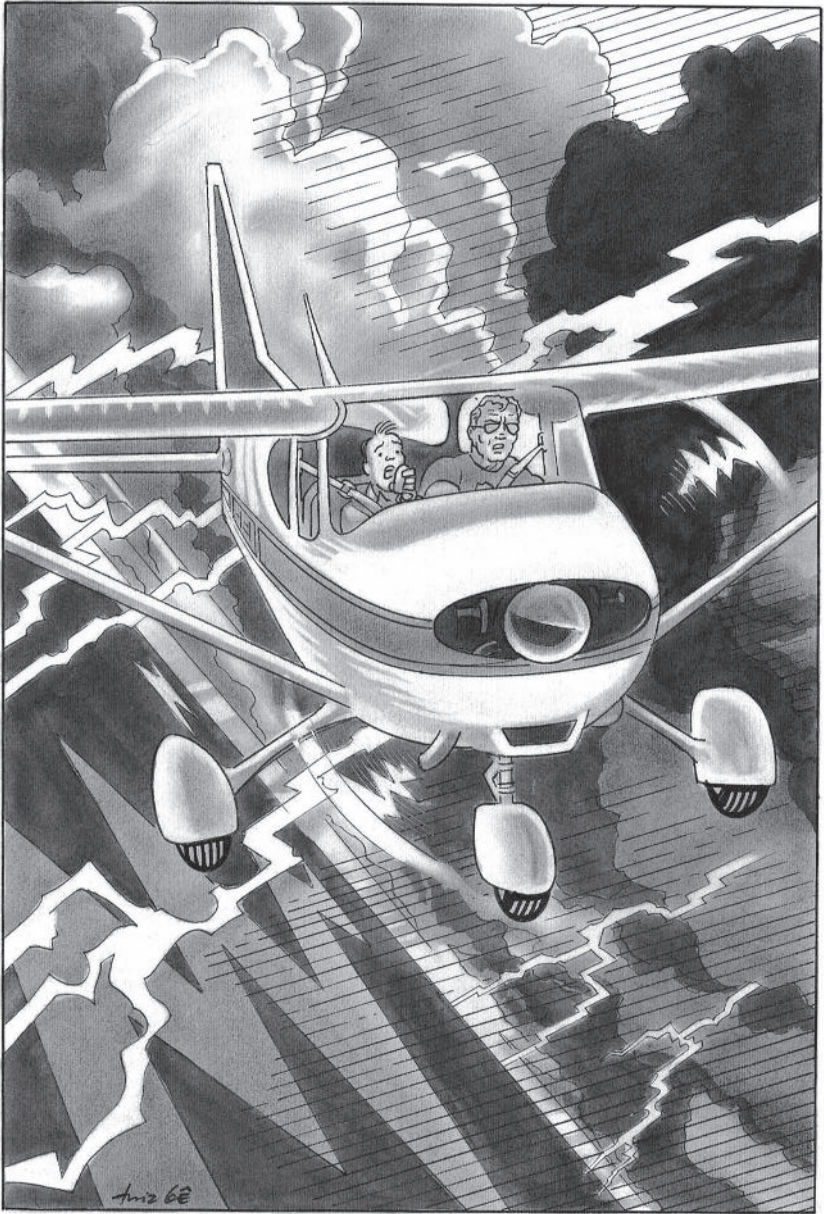
---

Direitos reservados à  
SARAIVA Educação S.A.  
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP  
www.editorasaraiva.com.br  
Tel.: (0xx11) 4003-3061  
atendimento@aticascipione.com.br

---

Todos os direitos reservados.

CL 810020  
CAE 571325





— *Boucler la boucle...*

— O quê? — o garoto gritou por sobre o barulho do motor, tirando os olhos do rio escuro que corria lá embaixo.

— É assim que os franceses chamam isto.

O avião ganhou velocidade. O garoto achou que o piloto fosse subir um pouco e depois descer rasgando em direção a terra, como já havia feito algumas vezes. Seus olhos ficaram grudados no bico do monomotor, que inclinava lentamente até que disparou para cima. Começou a virar, iniciando uma curva demorada que cortou um conjunto de nuvens e deixou-os de cabeça para baixo.

— Meu Deus! — o garoto berrou, agarrando a maçaneta da porta com a mão direita e os fundos do banco com a esquerda. Enquanto rezava para que seu estômago não saísse pela boca, viu o piloto rindo como uma criança, com os poucos cabelos arrepiados em direção ao teto, que agora era o piso. Antes que pudesse entender direito o que estava acontecendo, o avião terminou a curva e começou a alinhar-se novamente em sua posição normal.

— *Looping!*

— Lo... loop... — o garoto gaguejou.

— Em bom português: fechar o anel, ou aliança, ou o que você achar melhor — o piloto disse. — Esta manobra salvou minha vida várias vezes, durante a guerra. Em um segundo me colocava atrás dos Focke-Wulf alemães que me perseguiram, e eu os derrubava como se fossem goiaba madura, enquanto eles ainda tentavam descobrir onde diabos eu tinha me metido.

O piloto fingiu concentrar-se nos instrumentos de bordo, batendo levemente com os dedos no vidro da bússola, mas vigiava o garoto com o canto dos olhos. Tirou um refrigerante da caixa de isopor e o entregou a ele.

— Acho melhor você tomar isto.

— Tá bom — o garoto aceitou. Assim que tomou o primeiro gole, começou a rir, e depois a gargalhar, e depois a gemer de tanto gargalhar, até ter de se dobrar um pouco no banco para se controlar e parar de derramar o refrigerante por toda a cabine.

Agora, sim, estava recuperado do susto.

— Com certeza, você é o único garoto do orfanato que já fez um *looping*; isso vai te transformar num héroi — disse o piloto.

Abriu um pequeno mapa sobre o painel. Ficou olhando as linhas azuis e vermelhas que cortavam o fundo verde. Depois apontou:

— Nós estamos bem aqui. E este é o nosso destino. — Continuou, escorregando o dedo até o ponto em que se lia: Manaus. — Acho que em quarenta minutos estaremos lá. Depois pegamos um barco e vamos pescar metade dos peixes do Amazonas.

O garoto não disse nada. Engoliu o resto do refrigerante e olhou assustado para o céu em que voavam. Até há poucos minutos era um tapete suave, azul, onde alguns fios de fumaça flutuavam preguiçosamente. Sem que percebesse quando, aquilo se transformou num amontoado de nuvens escuras, aglomerando-se rapidamente acima deles. Acalmou-se quando viu o rosto cheio de rugas do piloto, que admirava a mudança do tempo sem nenhuma preocupação.

Uma calma que durou muito pouco.

Depois de uma explosão que fez o céu estremecer, o avião foi jogado para os lados. Os dois viraram a cabeça ao mesmo tempo e o que viram impressionou-os. Uma grossa camada de água veio crescendo na direção da cabi-

ne, como uma onda surgindo do nada e varrendo o oceano sem piedade. O monomotor tremeu de ponta a ponta, engolido por uma mistura de nuvens, raios e água.

O piloto segurou o volante com as duas mãos, forçando-o para que o avião subisse acima das nuvens e fugisse da tempestade. Não se moveu um milímetro.

— *Sbit, man! Sbit!* — resmungou, enquanto usava o peso do corpo para fazer a alavanca se mexer. Tentou o rádio:

— Manaus, Manaus... Câmbio... Aqui é PTX-4 confirmando sua localização... Estamos em dificuldades... Manaus...

O rádio chiava, e ao fundo ouviam-se vozes que pareciam vir de outro mundo, misturadas ao som de músicas que se cruzavam.

— Toma! Aperta este botão aqui e continua tentando algum contato — o piloto disse, entregando o rádio ao garoto. Ele pegou o microfone com insegurança, sem saber exatamente o que dizer.

— Não se preocupe com o que falar; basta encontrar quem nos ouça.

— Alô, tem alguém me escutando? — começou a balbuciar timidamente, perdendo o receio quando a chuva engrossou, pressionando o avião para baixo. — Socorro, tem alguém me ouvindo?

— Calma! Isto é só uma chuva de verão. Daqui a pouco estaremos pousando, entendeu? — disse o piloto, com firmeza.

O garoto fitou os olhos azuis que o observavam. Apertou o botão vermelho e continuou sua busca, no meio daquela mistura incompreensível de ruídos e vozes distantes.

O avião continuava sacudindo sob a chuva. O piloto não conseguia guiá-lo para cima da cortina de água, por

mais que se esforçasse. “Talvez o leme tenha emperrado”, pensou, correndo os olhos na direção da terra embaçada lá embaixo. Conferiu rapidamente o mapa e acreditou que estivessem sobre a serra do Cachimbo, perto da fronteira entre o Pará e o Amazonas. “Vamos ter de descer”, decidiu, percebendo que a aeronave não atravessaria aquela tempestade.

Tirou um charuto do bolso e o colocou na boca, sem acender.

— Sua vida de aventuras começou. Esquece esse rádio, ninguém vai nos ouvir — disse, sorrindo e ajeitando uma mecha de cabelos que caía sobre os olhos assustados do garoto. O piloto começou a conversar para acalmá-lo.

— Me disseram que se consegue pescar peixe de cem quilos ou mais nestas águas. Meu Deus! Cem quilos. Um peixe desse tamanho é capaz de arrastar um homem. Aqueles molengas do clube não vão acreditar nisto. Já te falei do nosso clube? Somos um monte de pilotos aposentados com três únicas preocupações: caçar, pescar e voar. É uma vida dura, eu sei, não precisa ficar com pena...

O piloto falava e mascava seu charuto, embicando e aproximando-se do solo com rapidez.

— Pegue aqueles cobertores e o travesseiro. Coloque os cobertores atrás das pernas e fique com o travesseiro no colo. Quando eu mandar, deite a cabeça sobre ele e segure a nuca com os braços. Não se preocupe. Já fiz pousos debaixo de chuva de balas; portanto, pode apostar que eu consigo descer esta lata velha.

O monomotor continuou perdendo altitude. O garoto via os rios, que lá do alto eram linhas suaves serpenteando pela selva, crescendo assustadoramente sob eles, e



as árvores, que antes pareciam um gramado bem cuidado, transformando-se em monstros gigantescos, cujos troncos já podiam ser avistados.

O manche foi cedendo lentamente para a frente, e o avião embicou um pouco mais até que ficou a menos de duzentos metros do solo. O motor aguentava firme, mas as asas tremiam tanto que davam a impressão de que a qualquer momento seriam arrancadas. O piloto corria os olhos sobre elas para conferir se estavam suportando a pressão.

Quando já tinha resolvido descer nas árvores, tentando escorregar sobre as copas até que o avião perdesse velocidade, avistou uma pequena faixa de terra, acompanhando o leito de um rio que pouco depois entrava pela mata fechada. Passou sobre ela o mais baixo que pôde, observando detalhes que o ajudassem na hora do pouso. Era uma clareira pequena e cheia de buracos, mas ainda assim menos perigosa que as árvores.

Com dificuldade, conseguiu fazer uma curva à direita e retornar. Alinhou a aeronave com a pista, preparando-se para pousar. Mandou o garoto colocar a cabeça entre os joelhos e proteger-se com os braços. Começou a descida com cuidado, até sentir que a folhagem das árvores prendia-se nos montantes das asas. Quando a clareira surgiu repentinamente à sua frente, mergulhou. As rodas tocaram o chão pela primeira vez e deslizaram sobre os buracos, fazendo com que o avião subisse por alguns segundos, até bater na terra novamente.

O monomotor escorregou pela pista tentando sair de lado. O garoto, agarrado aos próprios joelhos e preso pelo cinto de segurança, balançava de um lado para o outro, mas permanecia preso em sua cadeira. O piloto apertava o charuto com os dentes e resmungava, “*Shit, shit...*”, enquanto tentava controlar aquela descida desen-

